

Banda de Mateus, Banda da Armada e Banda de Infantaria 13

Entrelaçadas no tempo

O rude golpe desferido sobre as bandas militares com as reformas do exército no ano de 1937 fez com que muitas delas desaparecessem para sempre. Já anos antes o Dr. Afonso Costa que ao que se sabe nada sabia de música, chegou a dizer despidoradamente em parlamento que seriam necessários ao país mais canhões e menos trombones.

A música é capaz de regenerar o mais empedernido dos bandidos. Ela é perfume que tem inebriado pessoas de todas as idades. Ela é a energia solar que alimenta as vidas e os sonhos de quem a conhece mas sobretudo de quem a sente.

A Banda da Armada tem no seu historial um palmarés e condecorações invejáveis que honram todos os marinheiros e o nosso país: lembramos a série de concertos realizados em Bordéus em 1863, quando D. Fernando ali fez uma viagem protocolar na corveta “Mindelo”. Os músicos foram vivamente aplaudidos pela multidão e pela imprensa local. António Maria Cheu, falecido em 1912 foi irrepreensível na sua regência segura e contagiante; Fez vibrar toda aquela gente que em delírio não arredava pé das praças e salas de concerto querendo ouvir mais e mais. Na verdade, ele era hábil na dupla função de regente e de pessoa, suscitando hipnose com a música que dirigia...

Em 1868, quando o “corpus” da banda era preenchido por cerca de vinte e sete elementos, ele irremediavelmente se extinguiu, lançando para a miséria todos os seus músicos. Felizmente em pouco tempo se reconstituiria com novas dinâmicas, novos projetos e repertórios arrebatadores...

Para aquela banda concorreram músicos de Mateus a partir de 1953, distinguindo-se com a divisa do aprumo e da competência, obtendo dos chefes elogios e palavras sentidas de reconhecimento. Lembramos os irmãos Silveira, Diamantino Dias, Heitor Barros e Arménio Teixeira...

Assinale-se o contributo das Bandas de Infantaria para o bom nível artístico de músicos que hoje engrandecem, pontificam e otimizam as nossas coletividades filarmónicas. A Banda de Infantaria 13 (Vila Real) foi durante décadas, uma das mais consagradas coletividades artísticas. Seria indecoroso, injusto, não lembrar nomes que dignificaram aquela instituição. Lembramos José Nunes de Freitas, nascido em 1857, que alcançou uma medalha de comportamento exemplar, enfatizando a forma profissional e artística dos músicos.

Baltazar Falcão foi nome sonante e chefe da Banda de Infantaria 13, nascido em 1881, que promovido a capitão em 1922, estabeleceu laços de amizade com Mateus, fomentando parcerias de colaboração mútua ao nível da didática da música na procura de um ensino qualitativamente eficaz que promovesse a pessoa humana como ser moralmente superior.

Evocamos também e justamente o tenente César Machado, homem indefetível nos ideais republicanos e diretor da Banda de Mateus angariando louvores e ganhando admiração das entidades locais e até de governantes em deslocações frequentes a Vila Real.

Enalteça-se Alves Ribeiro, tenente músico do Regimento Infantaria 13. Foi qualificado como homem reto mas de carácter temperamental, contribuindo para o rigor de uma prática de disciplina que viria a dar os seus frutos...

Alguns músicos de Mateus tocaram a convite do Regimento de Infantaria 13. Vale a pena recordar (com saudade), António Raposo, Luís Pinto, mais conhecido por Joaquim do Pinto, António Silva, Zé da Moira, António

Moura (do Raúl), Joaquim Moura (do Raúl), Armando Gomes (Zarelho) e Sargento Ilídio...

Após a extinção da Banda do 13, em 1937, depois de 100 anos de existência, alguns desses músicos transferiram-se para outros regimentos, como Lamego e Infantaria I.

À guisa de curiosidade, não resisto em relatar uma história, que tem tanto de curiosa como de comovente pelo seu patético e inoportuno desfecho. Zé da Moura, meu avô, não esperou que a Banda de Infantaria 13 se extinguisse para passar para Mateus; os de “cá” solicitavam-no insistentemente, porque fazia falta nas suas fileiras, dado tratar-se de um clarinetista distinto e virtuoso. Zé da Moura, já como sargento músico, não resistiu à chamada trocando um futuro brilhante pelo amor a Mateus e à sua banda. Regressa a “casa” não disfarçando, contudo, o estranho desafio que então o esperava. A sua decisão, essa explica-se pela sua fé inabalável a Frei Vicente. Era grande Zé da Moura na humildade e na grandeza da alma...Na sua velhice, as dificuldades económicas dificultaram-lhe a vida morrendo cedo e na penúria no ano de 1942...

Recordamos ainda o nome de Hipólito Antunes Gomes, (1894), alferes e chefe músico, que nos ensaios exaltava os notáveis recursos da música como terapia na educação dos jovens, a música como linguagem universal. António Romano (1875), foi chefe distinto. No seu repertório mencionava nomes maiores da criação musical como Bizet, Rossini, Bellini, Mascagni, Lehár, Verdi, Tchaikovsky. O povo era apreciador da boa música, possuidor de um sentido crítico de fazer inveja nos tempos de hoje!... Era frequente as pessoas assobiarem melodias, trautearem áreas consagradas daqueles compositores enquanto trabalhavam ou enquanto caminhavam ou mesmo quando exibiam em serenatas melodias belíssimas para impressionar as moças em idade namoradeira...

A música era a razão de sofrimentos e alegrias, de paixões que inquietavam. Ainda hoje perpassam ecos sonoros em lugares onde outrora os sons se faziam ouvir. Sons que guardam segredos e memórias. Sons que milhares de músicos por lá fizeram a sua catedral de vida. A música, tocada nas ruas, nos quelhos, nas praças ou coretos, era vestida com a melhor roupinha tirada das gavetas perfumadas pelo lilás da imaginação de quem a ouvia.

Terão escapado muitos nomes, talvez escondidos em nichos, espécie de santuários, onde as nossas pesquisas de lembranças não foram possíveis. Muitos dos nomes que quisemos perpetuar, deveriam receber recompensa maior como tributo insofismável pelo apreço que tiveram no papel educativo desempenhado através da arte musical. Se para estes não conseguimos tal desiderato, só lamentamos a falta de elementos e ainda a fragilidade e pequenez do nosso meio que em décadas atrás não teve pessoas competentes capazes de glorificarem figuras de proa e obras que nos foram legadas.

Em Mateus, a vontade em continuar na senda do progresso corresponderá a um sopro de arte e de vida que abrirão novos caminhos para um futuro sempre adivinhado e risonho.

Futuro que se construirá sempre com as divisas do amor, do bairrismo e da paixão, condições inelutáveis de um povo que tem sabido ao longo dos tempos partilhar com os outros o que de melhor tem a sociedade: dar, antes de receber. Tocar com a alma de quem à música dá de si, é a aprovação de quem exulta na plenitude pelo fascínio da música.

Há mais de um século que Vila Real e a Marinha Portuguesa têm em comum uma mesma aliança que reforça uma amizade insuspeitada. O Comandante Carvalho Araújo, natural de Vila Real é uma figura incontornável de coragem e valentia. O seu amor à pátria foi inquebrantável. A sua força interior e espírito patriótico engrandecem a nossa Marinha e a cidade que o viu nascer.

A Marinha Portuguesa e a sua Banda com a arte de altíssima qualidade têm sabido nas suas deslocações a esta cidade, homenagear um herói nacional que deu a vida para salvar centenas de passageiros e honrar o nosso país sempre sonhador e poeta na procura de desbravar novos mares e caminhos.

Adérito Silveira

Maestro do Coral da Cidade de Vila Real